

O primeiro soldado de Jehuda



Zeev V. Jabotinsky

80 anos de seu legado e de sua influência no presente de Israel.
Artigos do Presidente de Israel Ruvi Rivlin e do Primeiro-Ministro Binyamin Netanyahu..

Conteúdos

Carta aos betarim - Rosh Hanagá Mundial. Nerya Meir.....	1
Pekudat Evel - Ordem de Luto por David Raziel	2
Relato da minha vida. Autobiografia - Jabotinsky	3
O Benjamin de Jabotinsky	11
Linha do tempo	15
De Nova Iorque para Israel.....	17
Jabotinsky hoje: líderes falam de Jabotinsky.....	20
Democracia, igualdade e liberdade - Presidente de Israel - Reuven Rivlin	21
Do “Chad-nes” às quatro bandeiras da força - primeiro-ministro de Israel - Binyamin.....	25
Netanyahu	

Tel Chai!

Nos últimos dias de sua vida, o Rosh Betar, Ze'ev Jabotinsky, andava com uma profunda preocupação. Seus esforços para tirar os judeus da Europa das mãos dos nazistas não tiveram êxito, e, além disso, a situação em Eretz Israel era muito difícil diante do governo britânico. Encontrou seu consolo nos jovens do Betar, os quais sonhavam seus próprios sonhos.

Na última etapa de sua vida, visitou os chanichim do Betar em Nova Iorque e lhes disse a seguinte frase: “Somente uma vez na vida atravessará teu caminho uma visão, uma que é completamente pura e bela como esta visão. Aproveitem-na, porque não voltará a vocês outra vez”.

Devemos entender que, durante essa época, a mais difícil para o povo judeu nos últimos cem anos, dentro da crise mais profunda, Jabotinsky teve a força para falar do futuro, da visão. Da pureza e da beleza que há nele.

Sua mensagem era clara: a visão do futuro é a ideia do Betar. Criar um novo tipo de judeu: que luta, que não abandona suas crenças, que aspira viver em Eretz Israel e cumprir com as ideias de Jabotinsky.

De fato, Ze'ev Jabotinsky foi o visionário do Movimento Sionista. Herzl criou a ideia sionista, mas foi Jabotinsky que forneceu a visão ao movimento. Hoje, em Israel, muitas coisas foram influenciadas por sua filosofia de política, de nação e de segurança, e a História um dia o agradecerá.

Completam-se oitenta anos da morte do Rosh Betar, e temos o dever de captar sua visão e de transmiti-la, com as ferramentas apropriadas do nosso tempo.

“Difícil significa possível.” Mesmo havendo uma pandemia no mundo, nada nos deterá (não a nós, betarim), porque a visão é mais forte que qualquer outra coisa.

Permaneceremos trabalhando firmes na educação sionista, com uma conexão profunda com o judaísmo, o Tanach e a língua hebraica.

Continuaremos incentivando a aliá a Israel e seguiremos protegendo a Terra de Israel para que nada a prejudique.

Precisamente diante de uma adversidade é quando a liderança do Betar é posta à prova. Este é nosso tempo, madrichim do Betar, para liderar.

Confiamos e acreditamos em vocês e na sua força para perpetuar o legado de Jabotinsky por meio do Betar, continuem assim.

Tel Chai

Desde Jerusalém

Nerya Meir

Rosh Hanagá Mundial

Queridos Betarim y Betariot



Pkudat Evel

(Ordem de luto)



David Raziel
Fundador del Irgún

Emitida por David Raziel no dia da morte do Rosh Betar

Com sentimento de desamparo e luto, informamos nesta que Vladimir Ze'ev Jabotinsky, primeiro soldado de Iehuda, não está mais entre nós, porque D'us o fez voltar a seu lugar.

Ze'ev Jabotinsky, fundador do Gdud Halvri (Legião Judaica), defensor de Yerushalaim, prisioneiro de Akko, herói da luta pela soberania de Israel e portador do Hadar em sua vida e em seus atos.

Nos dias de desespero e falta de fé, ele criou a luz para iluminar a escuridão, foi sempre o valente na reunião dos desolados, o único grande homem na multidão de anões, o brilhante sol do levante nacional e a oculta luz de suas esperanças.

Desde os dias da Legião Judaica até os combates da juventude judaica, levou para a galut (diáspora) o sonho do velho macabeu, ressurgindo por ele a ideia do exército de Israel, libertador e conquistador.

Exilado e errante, perseguido e sofredor, carregou a brilhante coroa de estrelas do triunfo de

seus ensinamentos e a dolorosa coroa de espinhos do dirigente e professor de um povo teimoso.

Como líder da geração do deserto, a última da escravidão e a primeira de homens livres, só de longe viu a terra da redenção e a ela não chegou.

Não um movimento de pedra lhe levantaremos, senão que com a realização de seu sonho, a juventude nacional santificará sua memória na santa guerra pela redenção da terra santa. Amém. Israel.

Katzin HaShilton David Raziel
Natziv Betar Be'Eretz Israel
03 de agosto de 1940



Temos o costume de ler a Pekudat Evel durante um mizdar (muitas vezes feito com fogo) na terceira noite dos machanot do Betar a fim de recordar o Rosh Betar e homenageá-lo.

Relato da minha vida



Autobiografia de Jabotinsky

Em vários aspectos, este conto é condensado e fragmentado. Para começar, nem tentei (exceto em um ou dois casos) descrever nele os personagens que desempenharam um papel importante na vida de nossa geração e na vida das pessoas. E com isso desonrei seu valor e interesse, já que a preciosa fase de toda autobiografia não consiste na aparência do próprio autor - mas no retrato do outro. No entanto, *o que nós poderíamos fazer?* Tempo algum seria suficiente para relacionar o rico material que vive em minha memória, e eu não gosto de julgar ou condenar uma personalidade, viva ou morta. *Pode-se por acaso descrever-se sem uma pitada de vingança?*

Porém não contei aqui toda a história da minha vida, apenas metade. Eu me detive na vida do escritor e do homem público, não na vida do homem. Há em mim uma cerca muito alta que separa ambos terrenos e, durante toda minha vida, tentei conservá-los separadamente. Como pessoa, tive - e tenho - amigos, relacionamentos, experiências, memórias e tradições que nunca influenciaram (e não influenciarão) minha atividade pública; e, embora meu romance pessoal seja mais profundo, mais interessante e mais rico em conteúdo do que meu romance público, você não o encontrará aqui.



Origem



Minha mãe nasceu em Berdichev há quase cem anos. Não ouvi detalhes sobre a infância dela, mas pelo pouco que nos relatava, às vezes, parece-me que sua família estava entre as pessoas mais notáveis da cidade.

Ainda me lembro de algumas cenas de suas histórias, especialmente sobre o lindo Shabat e o Seder de Pessach na casa paterna. Eu visitei Berdichev no início do século e, mesmo assim, encontrei carregadores na estação ferroviária que falavam o iídiche melhor do que eu e que, apesar de falarem russo, apresentavam a entonação judaica em sua pronúncia. Não obstante, tratava-se da cidade mais judaica de todas as cidades da Ucrânia.

Minha mãe entendia o hebraico - o idioma da Torá e de suas rezas - e mantinha todos os costumes da religião. Uma vez perguntei à minha mãe: "O que somos, *chassidim*?" Ela respondeu quase com raiva: "E que você pensou que éramos antagonistas (corrente oposta ao *chassidismo*)?" Desde então, me considero "*chassid*" (piedoso, devoto) de nascimento. E aprendi algo mais com suas respostas curtas. Eu tinha cerca de sete anos quando lhe perguntei: "Os judeus terão algum Estado?" Ao que ela respondeu: "É claro, bobo!" Até hoje, não perguntei novamente. Sua palavra é suficiente para

mim. Não me lembro de um único dia em que não foi obrigada a lutar e superar dificuldades. Minha mãe nasceu rica e viveu em abundância; ainda ontem ela tinha um marido notável, rei e líder do seu círculo, e ela era a rainha. E em um único dia, tudo desmoronou: em seus braços segurava um homem envelhecido da noite para o dia e condenado à morte. Ela nos pegou todos, levou-nos a Berlim e contactou os melhores médicos: eles checaram meu pai, sussurraram algo que se assemelhava a palavras latinas e logo disseram em um alemão incompreensível: "*A cura será longa...*". Ela nos deixou por longos meses, retornou para Odessa, vendeu a casa e voltou para lutar pela vida de meu pai. Durante quase dois anos, os professores tentaram se enganar e acreditar que o câncer não era câncer. No final, eles perderam toda a esperança e toda ilusão. Mas minha mãe não se deu por vencida. Por acaso há uma escassez de cirurgiões famosos na Rússia? Quem sabe. Ele nos levou para Kiev e de lá para Carcóvia. Lá, eles queriam nos expulsar porque meu pai parou de pagar suas dívidas à guilda dos comerciantes, e, por isso, já não tinha mais o direito de ficar naquela cidade. Minha mãe foi ao governador da província e recebeu permissão para permanecer na cidade até que a operação fosse realizada, mas sem sucesso. Não sei por que viajamos de lá para Alexandrovsk, uma pequena cidade às margens do Rio Dniepre. Talvez porque meu pai quisesse morrer nas proximidades de sua terra natal. Após sua morte, retornamos a Odessa.

Mal me lembro do meu pai, mas ouvi muitas histórias e lendas sobre ele. Naqueles dias, a riqueza comercial

Pais de Zeev Jabotinsky



se desenvolvia rapidamente em Odessa, então capital da Ucrânia, especialmente em tudo aquilo que estava relacionado a cereais, e meu pai era, aparentemente, um dos principais promotores do ramo. A "Companhia Russa de Navios a Vapor e Comércio", cuja sigla em russo era "Rupit", dominava o comércio de grãos. Meu pai estava entre seus agentes mais importantes; há quem diga, inclusive, que era o principal deles. A companhia comprava trigo de toda a região que se estendia pelas duas margens do rio Dniepre e o fornecia para toda a Europa. Eu poderia escrever um longo romance sobre as viagens de meu pai ao longo do rio nos navios da empresa, acompanhado por um regimento inteiro de assistentes, especialistas e contadores, mas não encontrarei tempo para fazê-lo, por mais conveniente que fosse.

Os judeus chamavam meu pai de "Yonah", os russos o chamavam de "Yevgueni". Ele nasceu em Nikopol, uma cidade às margens do rio Dniepre. Meu pai tinha sete estações na beira de uma das grandes estradas, já que os trilhos da ferrovia ainda não haviam chegado àquela área da Ucrânia. Cada uma dessas "estações" era, ao mesmo tempo, uma pousada e uma estalagem, além de servir como agência dos correios e baias para viagens longas ou curtas à cavalo.

Mais uma vez, em Alexandrovsk, mais de dez senhores, veteranos do comércio de trigo, se reuniram ao meu redor e tentaram me explicar, até bem depois da meia-noite, o dom tão especial que distinguia meu pai. Não compreendia muito bem suas palavras, mas consegui visualizar a enorme rede de fios que ligavam a Argentina à Ucrânia, o Mar Negro aos três oceanos, o Bauplatz em Viena ao Café Robina, onde os comerciantes de trigo se encontravam em Odessa.

O terceiro fator que influenciou bastante minha infância foi a própria Odessa. Não conheço outra cidade tão orgulhosa e efervescente quanto ela. E não estou dizendo isso como aquele velho que pensa que o sol se pôs no céu porque ele não o aquece mais como antes. Passei a flor da minha juventude em Roma e morei também em Viena quando ainda era jovem, então posso comparar o clima espiritual das duas cidades. E, na minha opinião, não há outra cidade que se compare em alegria e suavidade, sem a sombra de pesados problemas emocionais ou de



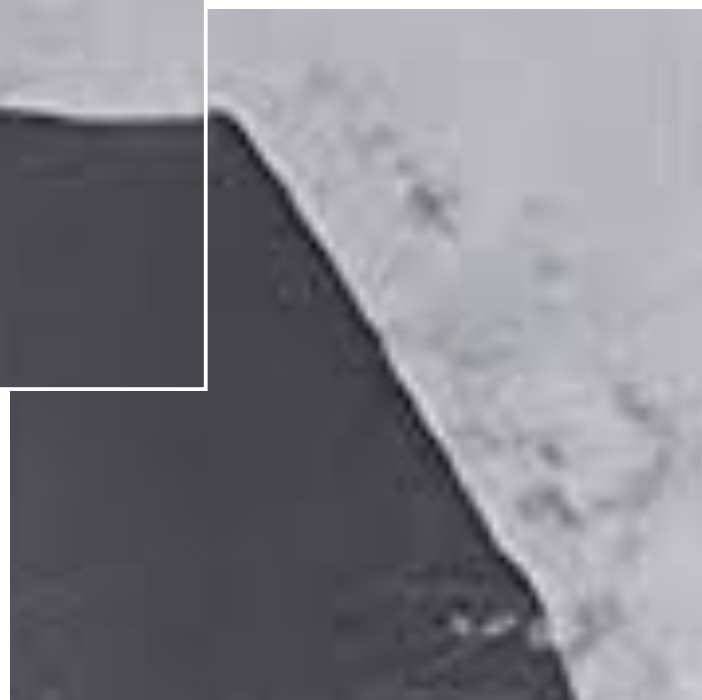
tragédia moral, àquela Odessa. Não direi que encontrei nela grande profundidade e nobreza, pois não tinha tradição alguma. Nasceu apenas cem anos antes de mim. Seus habitantes falavam dez idiomas, mas não dominavam nenhum.

Entre a criança e jovem



Fora das aulas de hebraico, eu não tinha contato algum com o judaísmo na época. Após a morte de meu pai, até o final daquele ano, ia três vezes ao dia à pequena sinagoga dos ourives que ficava perto de nossa casa, mas jamais me adaptei: dizia apenas o Kadish e não participava das orações. Em nossa casa, os preceitos da comida Kasher eram rigorosamente observados. Mamãe acendia as velas na entrada do Shabat e rezava de manhã e à tarde. Ela também nos ensinou a rezar Mode Ani e Kriat Shema, mas nenhuma dessas tradições tocaram meu coração. Na biblioteca dos funcionários judeus, a qual eu visitava diariamente para trocar livros, havia muitos livros judaicos, mas eu não os lia. Tentei uma ou duas vezes lê-los, mas eles não me interessaram.

Fiz quatro vezes os exames de admissão em várias escolas e falhei. Em 1888, uma lei foi promulgada na Rússia, segundo a qual apenas um judeu dentre nove cristãos podia ser admitido nas escolas. Portanto, a competição entre os examinados da fé de Moisés se tornou muito grande. Nos exames, apenas aquele com o maior talento ou aquele que poderia subornar os professores com generosidade especial foi bem-sucedido; eu saía reprovado pelos dois lados. Enfim,



não sei por que milagre fui aceito em uma turma preparatória para o ensino médio. Terminei meus estudos escolares aos quatorze anos e de lá fui para o Liceu Richelieu.

Além de um conhecimento parcial do grego e do latim (que considero importante até hoje), aprendi tudo na infância (não na escola). Eu lia muito, sem guia ou supervisor, apenas, por acaso, escolhi bem. Para começar, tínhamos uma enorme estante de livros em casa, e nela encontrei as obras completas de Shakespeare traduzidas para o russo e os escritos de Pushkin e Lermontov. Esses três eu sabia de cor antes mesmo de fazer quatorze 14 anos. Ainda hoje não é fácil encontrar um fragmento da poesia de Pushkin que eu não conheça ou que não possa completar de memória. O restante da literatura

rusa, por sua vez, já não era naquela época e tampouco é hoje um santo de minha devoção. Não gosto de aprofundamento psicológico. Eu prefiro as histórias e as aventuras. Quando livros desse tipo acabaram, e eu tive que mudar para a literatura "séria", fiquei mais atraído por autores estrangeiros como Dickens, Zola, Spielhagen e George Eliot do que pelos gênios do romance russo.

Não se deve pensar que passei meus dias trancado em casa. O oposto. Eu lia apenas às tardes. Durante o dia, aproveitava as horas livres no parque municipal ou na praia. E, em mais de uma ocasião, aconteceu que, ao sair pela manhã a caminho do liceu, o sol sorria para mim e as flores da primavera se abriam, e eu então deixava minha mochila sob os cuidados da mercearia mais próxima e fugia para o porto para pescar caranguejos. No parque, brincava de "polícia e ladrão" com meus amigos e voltava para casa com meu corpo cheio de arranhões e contusões. Nas noites de luar e também nas noites sombrias, ocasionalmente saíamos em barcos de pesca que alugávamos ou pegávamos sem a permissão do pescador e ultrapassávamos o farol, cantando canções russas do mar ou sussurrando segredos nos ouvidos das meninas. Eu tinha quinze anos e estava no primeiro ano do liceu quando um dos estudantes judeus me convidou para sua casa e me apresentou às suas irmãs. Quando entrei, uma delas tocava piano - tinha apenas dez anos naquele então. Anos mais tarde, ela me disse que já naquela noite eu ganhara seu coração, desde o momento em que a chamei de mademoiselle. Os outros a chamavam "Ania" - tratava-se de Joana Galperin, minha esposa.

Também escolhi minha profissão quando criança: tinha dez anos quando comecei a escrever. Poemas, é claro. Eu os "imprimi" em um jornal manuscrito "publicado" por dois estudantes de outra escola. No ano seguinte, fundamos um jornal secreto em nossa escola e eu fui um dos editores. O jornal era "secreto" porque, de acordo com a lei russa, era proibido produzir jornais, especialmente no Liceu. Mas o nosso não continha alusões políticas, não por medo, mas pela indiferença à "política" que eu já descrevi. Traduzi para o russo o Cantar dos Cantares e o poema Nas Profundidades do Mar do Y. L. Gordon e os enviei para "Voskhod", mas eles não os imprimiram. Fiz



também a tradução de O Corvo, de Edgar Allan Poe e a enviei para a Herald do Norte - uma revista mensal em São Petersburgo - mas também não foi publicada. Escrevi um romance cujo nome e conteúdo já não me lembro mais e enviei ao escritor russo Korolenko; ele me respondeu com cortesia e me aconselhou a "continuar escrevendo". Inúmeros são os manuscritos que enviei e me foram devolvidos entre os meus treze e dezesseis anos. Eu já estava desesperado por meu futuro como escritor e temia estar condenado a ser advogado ou engenheiro. Pela primeira vez, abri acidentalmente um jornal em Odessa e me deparei com um artigo intitulado "Observação Pedagógica" - e era meu! Transcrevo aqui a data correspondente para informação das gerações futuras: 22 de agosto de 1897.

Então fui ao editor do jornal Odessky Listok e perguntei se ele estava disposto a publicar meus relatórios como correspondente internacional, para o qual ele me respondeu: "Talvez, mas com duas condições: que você escreva de alguma capital na qual ainda não temos outro correspondente e que não escreva idiotices".

Esse jornal tinha correspondentes em todas as capitais da Europa, exceto Berna (Suíça) e Roma (Itália). Minha mãe implorou: "Roma não!" Se você já decidiu deixar o liceu, vá com Deus, mas a Berna. Os filhos de algumas famílias conhecidas moram lá." Na primavera de 1898, deixei o liceu e viajei para a Suíça. E com isso o período da minha adolescência termina. Tinha dezessete anos de idade, não era "popular" nem "simpático" por causa de minha tendência a paradoxar e posar e por causa de minha autoestima exagerada. Ainda sem plano ou caminho - parti de um desejo ardente de viver.

Berna e Roma

Viajei, naturalmente, na terceira classe, via Podólia e Galícia. O trem era muito lento, parava em cada povoado, e, a todo momento, do dia ou da noite, outros judeus entravam no meu vagão. Entre Razdelna e Viena, ouvi mais ídiche do que em todos os dias da minha vida anterior. Não entendi tudo, mas a impressão foi forte e entristecedora. Esse foi o meu primeiro encontro com o gueto. O que se desenrolava diante dos meus olhos foi seu declínio, sua decadência. Ouvi o humor da escravidão judaica que se contenta em "anular" e desprezar o inimigo em vez de se rebelar ... Agora, já velho, aprendi a revelar, sob a máscara, os sinais de orgulho e coragem; mas que naquele então eu não sabia. Por isso, abaixei a cabeça e me perguntei: **este é o nosso povo?**

Não tentarei descrever a repentina transição entre a vida tranquila e quieta na Rússia, quarenta anos atrás, e o barulho crescente na Suíça daqueles dias. Todas as palavras proibidas na Rússia eram comuns e corriqueiras aqui como o bom-dia e o obrigado. Toda a literatura revolucionária da qual falávamos, há nem um mês atrás, por sinais e insinuações, sussurrando, estava aqui aberta, disponível para todos, nas prateleiras das bibliotecas. Reinava aqui uma imensa liberdade de expressão e de debate, mas não de ação. À sombra dos Alpes, os jovens russos representavam uma visão do [Rio] Volga. Eles pareciam uma grande roda que se move com uma velocidade e tremenda, mas no ar: uma roda que não está presa a nenhuma máquina e que nada move.

No outono daquele ano, fui estudar em Roma e lá permaneci pelos próximos três anos. Se eu tenho uma pátria espiritual, é mais a Itália do que a Rússia. Não havia uma "comunidade russa" em Roma. Desde o dia em que cheguei, alternei com os jovens italianos e vivi suas vidas durante todos aqueles que passei na Itália. Sob a influência da Itália da época, minha atitude em relação aos problemas étnicos, políticos e sociais se cristalizou. Lá, aprendi a apreciar as artes plásticas e a música latina, enquanto a lenda de Garibaldi, os escritos de Mazzini e a poesia de Leopardi e Giusti enriqueceram meu sionismo superficial e o transformaram em uma sanção instintiva na concepção do mundo. Tornei-me amigo íntimo de todos os teatros e museus, e não havia canto algum da cidade que eu não conhecesse. Eu morei em muitos lugares. Um mês aqui e dois lá porque, geralmente, após a experiência da primeira semana, as donas de casa, mulheres de comerciantes e funcionários, se opunham à desordem e à agitação incessante que reinava em meu quarto: visitas, canções, tinturas de bebidas, gritos de discussão e brigas. Então, para a sobremesa, elas invariavelmente sugeriam que eu escolhesse outro endereço.

A Itália era um país muito acolhedor e bonito naqueles dias do início do século XX. Se me pedissem para encontrar o denominador comum a todas as correntes de pensamento político que competiam para monopolizar o povo, eu diria o "liberalismo": visão de ordem e justiça sem compaixão, um sonho cuja origem reside na fé de que o homem é bom e honesto por natureza.

Na primavera de 1899, viajei para Odessa para fazer os exames do ensino médio, mas fui reprovado em grego. Voltei a Roma e continuei estudando direito, mas mais do lado de fora da Universidade do que dentro dela. No verão de 1901, retornei a Odessa mais uma vez, pretendendo voltar mais tarde à Itália para terminar meus estudos; contudo, para minha grande surpresa, percebi que minha reputação como escritor na cidade ucraniana havia se espalhado. O Sr. Chefetz, editor do Novosti, me propôs escrever uma crônica diária e me pagar o incrível salário de cento e vinte rublos por mês. Desisti da Itália, de um diploma acadêmico e da carreira de advogado e fiquei em Odessa, para começar um novo capítulo na história da minha vida.

O congresso



Theodor Herzl falando no
6to Congresso Sionista.
1903 em Basileia.

Uma obra muito engraçada pode ser escrita sobre minhas aventuras no Congresso. Se começássemos com a idade, eu não deveria sequer ter participado, já que me faltava um ano e meio. Não me lembro quem foram as falsas e boas testemunhas que alegaram que tinha vinte e quatro anos. Meu rosto era o de uma criança e o funcionário responsável, encarregado de entregar os cartões aos delegados, não queria acreditar em mim até que eu o trouxe testemunhas. Então eu vaguei sozinho nos corredores do cassino. Não conhecia ninguém, exceto as "grandes personalidades" que havia visto em Kishinev e que, é claro, eram membros do Comitê Executivo e estavam envolvidos em sessões secretas. Alguém me apresentou a um rapaz alto e magro, com barba triangular preta e uma cabeça careca brilhante, chamado Chaim Weizmann, o qual me disse que estava liderando a oposição, embora eu ainda não saiba o porquê. Bem, quando vi esse jovem sentado entre seus companheiros ao redor da mesa de café, fui até ele e perguntei: "Atrapalho?" "Atrapalhas. - Weizmann respondeu, e eu fui embora.

Tentei subir à tribuna do Congresso e falar sobre uma questão de ardente atualidade. Alguns meses antes, [Theodor] Herzl viajara para a Rússia e conversara com [Vyacheslav von] Plehve (o então Ministro do Interior russo e quem considerávamos ser o principal instigador do pogrom de Kishinev), e então surgiu uma discussão apaixonada entre os sionistas da Rússia se era permitido ou proibido negociar com pessoas dessa laia. Todos concordaram em não tocar nessa questão acirrada na tribuna do Congresso, e eu sabia disso, mas decidi me permitir falar. Eu tinha certeza de que minha experiência como jornalista na Rússia, que sabe escrever sobre questões "perigosas" sem irritar a censura, me ajudaria a evitar aqui todos os obstáculos. Quando chegou a minha vez, eles limitaram os oradores a falarem por, no máximo, quinze minutos, e a mim não deixaram completar nem esse quarto de hora.

Quando comecei a explicar que a ética não deve ser confundida com tática, os membros da oposição perceberam o que propunha esse jovem desconhecido de capa preta que falava em russo polido como se estivesse recitando um poema em algum exame do liceu e começaram a fazer barulho e gritar: *"Chega, não é mais necessário!"*. A presidência ficou chocada. O próprio Herzl, que ouvira o barulho de uma das salas adjacentes, perguntou a um dos delegados: *- O que é isso? O que diz?"*. Por acaso, esse delegado foi precisamente o Dr. Weizmann, e sua resposta foi absoluta e concisa: *"Kvatch!"* Foi então que Herzl se dirigiu a mim e disse em alemão: *"O tempo acabou"*, e essas foram as primeiras e últimas palavras que tive o privilégio de ouvir da boca dele. O Dr. Friedman, um de seus assistentes mais próximos, interpretou essas palavras como era convencional na Prússia, sua terra natal: *- "Saia, se você não quer que o façam por você!"* Desci da tribuna sem terminar as palavras em favor do homem que subira para defender.

Entendi que meu papel no Congresso era assistir e ficar em silêncio. E assim o fiz. E eu achei muitas coisas dignas de observação. O VI Congresso Sionista foi o último do qual Herzl participou e talvez o primeiro do sionismo maduro. O exame de conclusão ["do liceu do sionismo"] foi realizado pela [questão] Uganda. Eu estava entre a minoria que votou contra Uganda e, junto com os outros negadores, saí da sala. Já refleti muitas vezes sobre o motivo que me levou votar como votei. Naquela época, eu não mantinha nenhum amor romântico por Eretz Israel e mesmo agora não tenho certeza de alimentá-lo. Tampouco entendia que a questão trazia perigo de divisão do Movimento Sionista. Eu não conhecia o povo e via os delegados aqui pela primeira vez. Ainda não tinha me aproximado de nenhum deles, e, em sua grande maioria (inclusive muitos dos que vieram da Rússia assim como eu), levantaram as mãos a favor e também contra. Ninguém tentou me convencer a votar como o fiz.

Herzl me impressionou tremendamente, sem exageros. E eu sou facilmente impressionado pelas pessoas, mas, em todos os dias da minha vida, ninguém deixou uma marca semelhante. Nem antes de Herzl, nem depois. Somente diante dele, senti que estava de fato em frente a um profeta e um líder muito agraciado, de alguém por quem valia a pena cometer erros e se perder. Até hoje sua voz ressoa em meus ouvidos, a voz com a qual ele jurou diante de nós: *"Se eu te esquecer, Jerusalém (...)"*. Eu acreditei em seu juramento, todos acreditemos. Mas votei contra ele, mesmo que não saiba o porquê. *"Porque sim."* Isso é mais poderoso do que mil razões.

E o estranho é que senti que, após a votação, o Congresso subiu para um nível muito mais alto. Apesar das diferenças de opinião, das lágrimas e da raiva, a união interna cresceu e se aprofundou. Os que disseram que sim e aqueles que disseram que não se aproximaram muito entre si. E talvez eles até tenham aprendido a respeitar mais o próximo e o próprio movimento sionista. Estou certo de que somente a partir daquele dia, [Arthur Neville] Chamberlain (promotor da ideia de Uganda) e [Arthur James] Balfour (da declaração de 1917) e muitos outros estadistas da Inglaterra e de outros países entenderam, pela primeira vez, o que era o sionismo. E com eles, muitos dos veteranos do movimento sionista.



Benjamin de Jabotinsky

O Betar permaneceu para sempre o amado Benjamin de Jabotinsky. Nele, colocou toda sua alma, procurando educar um novo tipo de juventude judaica, um tipo desconhecido na diáspora judaica. Tão profunda foi a influência educacional de Jabotinsky nessa juventude, que não apenas seus discípulos e estudantes, mas também seus antagonistas, ano após ano, adotaram seus ensinamentos e procuraram imitá-lo.

Oito décadas se passaram desde a morte de Jabotinsky (1940), e até agora milhares de seus discípulos estão acostumados a designar seu mentor não por seu próprio nome ou sobrenome, mas pelo título de "Rosh Betar". Muitas e honrosas coroas foram concedidas a Jabotinsky em sua vida (relativamente curta, mas rica em conquistas), porém nenhum título foi expresso por jovens e adultos com tanta ternura e carinho como o apelido de afeto e veneração de "Rosh Betar". E assim como os membros do Movimento Juvenil Betar tinham um amor filial por ele, ele também amava os betarím e acreditava em sua missão histórica com fé ilimitada.

Como Jabotinsky definiu a essência da missão de Betar? Dos inúmeros escritos sobre o assunto, escolhemos sua definição registrada na brochura "A Ideologia do Betar":

“O papel de Betar é muito simples e, apesar disso, muito difícil: criar esse tipo de judeu de que o povo precisa para construir o Estado Judeu mais rapidamente e com perfeição. Em outras palavras, criar o cidadão "normal" ou "são" da nação judaica. E, de fato, aí reside a grande dificuldade: o povo judeu de hoje não é normal ou são, e a vida na diáspora, em todas as suas dimensões, nos atrapalha na educação de cidadãos são e normais. Nos dois mil anos de dispersão, o povo judeu deixou de concentrar sua vontade coletiva em uma função primária e essencial; deixou de atuar como uma nação integrada e unida; ele se absteve de confrontar com armas as ameaças à sua existência; ele se acostumou a gritar e esqueceu a ação; a negligência se tornou a norma diária de sua vida, tanto privada quanto pública. Por esse motivo, a educação do Betar ocorre como o escalar de uma montanha, e cada betari levará muito tempo para atingir a meta estabelecida em suas maneiras e conduta. Porém, como o objetivo dele é alto e nobre, é um bom sinal para os “betarím” sempre lembrá-la, aspirando chegar ao seu destino, mesmo com passos lentos.”



Jabotinsky considerava o Betar, acima de tudo, um movimento educativo e uma escola, cuja missão é gerar uma revolução psicológica no povo judeu, nativo do gueto. Dentro do Betar, e também ao seu lado, poderiam surgir organizações de ação para alcançar fins imediatos, mas, em geral, o Betar estava destinado a absorver e educar não as elites, mas as massas juvenis, e é exatamente isso que o faz não transgredir sua estrutura educacional.

Não bastaria o espaço aqui, para me referir às idéias educacionais variadas e multifacetadas que Jabotinsky propôs infundir no movimento, cuja germinação ocorreu no ano de 1923 e na qual, estando entre seus alunos, sua morte ocorreu em 1940. Pode-se dizer que Jabotinsky deu ao movimento sionista e ao partido revisionista, por muitos anos, sua energia e talento, ao Betar deu sua alma e todo seu amor. As cartas escritas em hebraico, citadas abaixo, testemunham isso. O primeiro foi escrito em Jerusalém, no 5º aniversário do movimento:

Meus jovens amigos, filhos dos meus sonhos e esperanças, o que direi no aniversário do Betar? Apenas uma coisa: a verdade.

O que é Betar? Qual é a sua natureza, sua essência, qual é o espírito secreto que o distingue do resto dos setores da juventude hebraica? Eu não sei, e talvez esse seja o melhor dos louvores, entre tudo o que você ouvirá neste dia: que um homem tão próximo de seu espírito quanto eu, também não conhece o nome explícito de sua santidade especial.

Muitos são os nomes com os quais tentei descrever sua figura espiritual: "amalgama de soldado e pioneiro", "devoção à idéia de nação em vez da ideia de classe", "paixão da nobreza e da cavalheirismo", etc. etc. Mas sinto que nenhum desses nomes é suficiente, e que cada uma dessas definições apenas destaca um aspecto da visão rica em qualidades cujo nome é "Betar". Porque, efetivamente, nessa visão, existem todos os fundamentos que acabei de mencionar, mas há outra coisa, talvez a principal e o que é, não sei.

Eu já disse e insistirei: esse é um elogio mais alto do que qualquer outro. Um sinal do que nasceu em Riga há

cinco anos, é algo vivo hoje. Não mais que uma nova organização, uma novo partido ou um novo programa. Um novo mundo nasceu naquele dia, uma nova raça espiritual, uma "nova era" no espírito intrínseco de nosso povo ...

...O Betar é monástico, como aqueles monges que nos dias antigos preservavam a pureza e a glória de suas vidas. Essa será a sua lei: beleza em tudo, na fala e na urbanidade, no relacionamento com o companheiro e com o adversário, com o velho, a mulher e a criança. No trabalho, o que você for - trabalhador manual ou empregado, privado ou público - trabalhem como sagrados voluntários; em momentos de perigo, sou como uma arma afiada e ousada; na vida social cotidiana, sejam um exemplo de cortesia e retidão.

E mais uma coisa a meu respeito: a partir de agora, vou dedicar minha atenção especial ao movimento Betar e trabalhar em uníssono com vocês.

Seu parceiro,

Ze'ev Jabotinsky

(Carta à Hanagá Mundial do Betar, 1928)

E o que aconteceu com as esperanças que depositou Jabotinsky na juventude a qual cultivava? É claro que ele sabia que não era possível, da noite para o dia, reformar qualidades e hábitos enraizados por muitas gerações. Mas no final de seus dias, expressou com orgulho e satisfação que seu trabalho educacional nas gerações mais jovens não foi em vão. Na sua opinião, o símbolo da nova juventude foi Shlomo Ben Yosef, um membro de Betar que soube marchar em direção à força, não apenas com heroísmo supremo (que gerava admiração em seus companheiros e também em seus adversários), mas com orgulho e Hadar:

E a nossa juventude? Esse jovem acredita, luta, se sacrifica. O que é a "Plugat HaKotel"? E a "Pluga de Rosh Pina" de Ben Yosef? Pobres filhos do povo de Israel, cujo ideal é servir ao povo e à sua pátria. Vivem e sofrem em condições difíceis. Mas eles? Eles mantêm seu juramento. Prometemos a você educar uma geração de "Hadar". Eu já disse muitas vezes que significa "Hadar". Muitos de vocês se acinzentaram diante dos meus olhos, e não voltarei a me estender sobre eles. Todos os conceitos de nobreza espiritual, cavalheirismo e alta beleza estão incluídos nessa palavra. E vejam o resultado: havia em uma pequena cidade de Lutsk, um "pequeno juiz" polônês que se tornou um símbolo cujo esplendor surpreende a todos. E não se trata de um escolhido. Ele foi um simples membro da Betar... (Discurso em Varsóvia, 1938).



“Procuro um jovem afável em seu discurso ao velho e à criança, puro em todos os seus pensamentos, bonito em todos os seus movimentos, silencioso na ira, que estende sua mão amiga aos fracos, aos pobres e aos forasteiros. Um povo no qual cada um de seus membros é nobre, um exército no qual cada um de seus soldados tem a alma de um príncipe.”

JABOTINSKY, 1928



Imagem actual



Membro
Fundador da
Universidade
Hebraica de
Jerusalém.



15/6 - Funda a
"Haganá"



Visita pela 1ra
vez Eretz Israel.



Agosto -
Estabelece a
Legião Judaica.



Une-se ao
Comitê
Executivo do
Congresso
Sionista.

17/10. Nasce em
Odessa, Ucrânia.



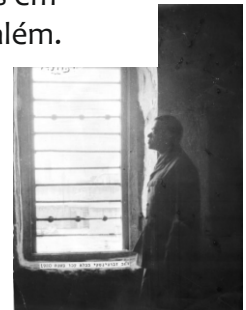
Participa pela 1ra
vez do 6to
Congresso
Sionista Mundial.



Traduz as
poesias de
(Chaim
Nachman) Bialik,
entre elas: "Na
Cidade da
Matança"

Março - Cria o
Corpo de Mulas
dentro do
Exército Britânico.

7/4 - É preso na
Prisão de Akko
após os pogroms
árabes em
Jerusalém.



4/11 - Escreve
"A Muralha de
Ferro"

27/12 - Cria o Movimento Juvenil Judaico-Sionista Betar - acrônimo, em hebraico, para Brit HaNoar Halvri al Shem Yosef Trumpeldor (Pacto de Jovens Judeus em Nome de Yosef Trumpeldor)

Escreve o romance "Sansón" - em que descreve o novo tipo de judeu



Discurso filmado "Deixe que os judeus migrem a Eretz Israel"



Recebe o comando supremo do Irgun Tzvai Leumi (Etzel)

3/8 - Morre em um machané do Betar em Nova Iorque.

1923 1925 1927 1932 1934 1936 1937 1938 1940 1964

Abril - Cria o Movimento Revisionista dentro do Congresso Sionista.



26/2 - Escreve sobre o "aventurismo" e incentiva a aliá ilegal para Eretz Israel.



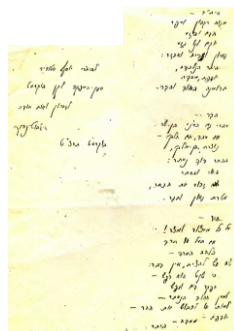
Apresenta o "Plano de Evacuação", em Varsóvia, na Polônia.

Eleito presidente da Nova Organização Sionista.

9/7 - Os restos mortais de Jabotinsky e de sua mulher são transportados a Israel após a autorização do então Primeiro-Ministro Levi Eshkol.



22/3 - Escreve o "Shir Betar", em Paris.



De Nova Iorque para Israel

Con el comienzo de la Segunda Guerra Mundial, Jabotinsky propuso al Primer Ministro británico establecer un ejército judío de 100 mil combatientes, que lucharían en todos los frentes, pero no recibió respuesta. Luego se dirigió a los Estados Unidos como Jefe de la delegación Hatzaj, para iniciar una campaña de información para establecer el ejército judío. En su visita visitó el campamento de Betar en Hunter, Nueva York, donde sufrió un paro cardíaco.

Zeev Jabotinsky murió el 29 de Tamuz 5700 (4/8/1940). El fue enterrado en el cementerio Moshe Montefiore en la zona de Long Island, en Nueva York. En su testamento, escrito el 3 de noviembre de 1935, el exigió: “Mi deseo es ser enterrado o cremado donde los muertos me encuentren. Donde mis huesos no sean transferidos a Eretz Israel excepto por instrucciones de un eventual gobierno judío.”



Obituario 1940

1940 enterrado no moshe cemetery Montefiore em Long Island, Nova Iorque

Cabinet Approves Transferring Jabotinsky's Remains To Israel

JERUSALEM (JTA) — Israel's cabinet Sunday voted unanimously to permit the Jabotinsky family to bring the remains of Vladimir Jabotinsky to this country for reburial.

Jabotinsky, leader of the Zionist-Revisionists, died near New York City in 1940. In his will, he had stipulated that his remains be taken for reburial in the Jewish State to be formed in Palestine, but only upon the decision of the Jewish State's government. Former Prime Minister David Ben-Gurion was unalterably opposed to such sanction by the government.

The action was taken after Prime Minister Levi Eshkol had received an appeal on the issue from Prof. Eri Jabotinsky, an Israeli and a

son of the late Vladimir Jabotinsky. The Herut Party immediately lauded the cabinet's decision. Menachem Beigin, leader of Herut, sent a message to Mr. Eshkol expressing the party's "gratitude for this historic decision."

Vienna Recognizes Four Jewish Writers

VIENNA (JTA)—In response to requests by a number of Austrian writers, the Vienna Town Council last Sunday decided to affix commemorative tablets to the houses where four Austrian Jewish writers and scholars—Artur Schnitzler, Peter Artenberg, Sigmund Freud and Stefan Zweig—used to live.



El 15 de marzo de 1964, una decisión fue tomada para cumplir con sus deseos, de acuerdo al gobierno liderado por Levi Eshkol, y fue enterrado en Har Hertzl, en Jerusalem. El entierro de el y su esposa, Yoana, que murió en Nueva York en 1949, fue llevado a cabo el 9 de julio de 1964. La transferencia de sus restos fue demorada debido a la negación del Primer Ministro David Ben Gurion en dar la orden de cumplir los deseos de Jabotinsky.

Un dia despues de la muerte de Jabotinsky, los diarios de Eretz Israel estaban llenos de avisos de duelo, como por ejemplo: “Un gran golpe para el pueblo judío”, “el aguila ha caído desde lo alto de los cielos”, “el corazón

del conquistador de corazones ha dejado de latir”. El diario Yediot Ajronot escribió: Combatiente! Esa es la definición más precisa de la gran exuberancia y poder del sufrimiento por sus ideas que Jabotinsky demostró durante toda su vida. Sin embargo, esto no expresa todo lo que hay para decir de su tremenda personalidad. Él era un escritor brillante, un ingenioso orador, líder e ideólogo en el Sionismo Revisionista. Él era un estadista, un militar...él era un pilar de fuego en sus alrededores... el era un tipo de fuente de donde las aguas fluyeron y gorgotearon sin pausa, por el bien del pueblo judío y por el bien de Eretz Israel.”



Atualmente enterrado no Monte Herzl em Jerusalem.
Shnat 2019 em homenagem.



Ze'ev Jabotinsky Volta à Pátria.



אי"ג"ד -
 א"ג רגלן א"ג
 ג"ג א"ג
 ד"ג א"ג
 ה"ג א"ג
 ו"ג א"ג
 ז"ג א"ג
 ח"ג א"ג
 ט"ג א"ג
 י"ג א"ג
 כ"ג א"ג
 ל"ג א"ג
 מ"ג א"ג
 נ"ג א"ג
 ס"ג א"ג
 ע"ג א"ג
 פ"ג א"ג
 צ"ג א"ג
 ק"ג א"ג
 ר"ג א"ג
 ש"ג א"ג
 ת"ג א"ג

Nossos líderes falam Jabotinsky



████████████████████ vivos e não mortos".

Oitenta anos se passaram desde a morte do Rosh Betar, mas seu legado permanece mais relevante do que nunca. Na atual sociedade israelense, podemos ver o uso da filosofia política e social de Jabotinsky dentro do parlamento israelense, nos diferentes discursos do primeiro-ministro de Israel e do Presidente de Israel, mas também dos líderes da oposição ao governo. Tanto a esquerda quanto a direita israelenses baseiam-se em Jabotinsky para reforçar, melhorar ou criticar políticas governamentais.

O Hadar betarí, os cinco meimim [maon (moradia), marpe (saúde), mazon (alimentação), malbosh (vestimenta), moré (educação)], o Estado nacional e liberal e a Muralha de Ferro são talvez os valores mais lembrados por todo o espectro político de Medinat Israel respeitado pela grande maioria dos israelenses hoje. Valores que - em grande parte - se tornaram um consenso na sociedade israelense.

No ano passado, a Hanagá Mundial do Betar deu início a um novo projeto para destacar a importância de Jabotinsky na sociedade israelense. Decidimos publicar um livro chamado “*Maniguim Medabrim Jabotinsky*” (Os Líderes Falam Jabotinsky, em tradução livre), em que convidamos líderes do Estado de Israel, tanto do governo como da oposição, para escrever sobre a relevância da filosofia política e social de Jabotinsky de acordo com sua perspectiva.

Por ocasião do 80º aniversário de sua morte e 140º aniversário de seu nascimento, decidimos compartilhar dois artigos do livro, escritos pelo primeiro-ministro de Israel, Binyamin Netanyahu, e pelo Presidente de Israel, Reuven Rivlin. É uma honra para nós poder publicar esses artigos (traduzidos ao português) que em breve serão publicados no livro *Maniguim Medabrim Jabotinsky*.



Democracia, igualdade e liberdade

“Eles fecharam os olhos - com os quais olhavam toda uma geração; o coração - que era inteiramente amor pelo povo ferido - parou, e o pensador mais profundo do nosso tempo fica em silêncio”.

Nessas palavras, Menachem Begin, o grande estudante de Ze'ev Jabotinsky, descreveu a morte deste no verão de 1940 e a importância de sua perda para o povo judeu e para a história.

Com o passar do tempo, a visão profética de Jabotinsky se torna mais clara. Foi ele quem identificou a catástrofe que estava acontecendo com os judeus europeus e pediu um retorno imediato do povo judeu à Terra de Israel; quem recrutou os judeus para "aprender a atirar", definindo, assim, a necessidade de construir uma força militar forte e armada; aquele que empreendeu uma forte luta não apenas por um lar nacional para o povo judeu, mas pelo estabelecimento de um Estado Judeu sob soberania judaica, enquanto os líderes do movimento sionista da época (incluindo Chaim Weizmann e David Ben Gurion) rejeitaram a ideia "radical".

Jabotinsky renunciou a todos os tipos de acessórios, pelo simples fato de falar e ser "politicamente correto", e por isso foi acusado várias vezes de pecar como nacionalista e até de ter um certo tom fascista. No entanto, todo mundo que conhece seus escritos sabe que isso não passa de uma acusação sem bases nem fundamentos. Em um mundo que oscilava entre regimes totalitários assassinos, o nazismo, por um lado, e o comunismo, por outro, Jabotinsky criou uma ideologia liberal que era um farol de sanidade e progresso. Se Jabotinsky tivesse pecado, ele teria "pecado" com seu apego à sua verdade, unificada em sua boca e seu coração, sem hesitação e sem ajustes para diferentes públicos, mesmo quando seus diagnósticos políticos precisos nem sempre eram agradáveis de ouvir.

Como todo verdadeiro profeta, havia também quem quisesse prejudicar Jabotinsky: por uma interpretação tendenciosa de seus ensinamentos políticos ou por seu esquecimento. Hoje, sabemos que essas tentativas falharam. Quanto mais a perspectiva se expande, descobrimos que a separação entre os dois lados, aqueles que eram contra Jabotinsky e seus alunos, não é mais relevante: os oponentes de Jabotinsky também foram seus alunos. Tanto a direita quanto a esquerda adotaram suas ideias.



Como se via essa complexidade? Jabotinsky foi provavelmente o primeiro a fazer uma distinção clara entre o nível político-ideológico e o plano civil-social. Sua posição sobre o "judaísmo" do Estado vindouro é bem conhecida: Jabotinsky defendia uma atitude persistente de que

Presidente de Israel,
Reuven (Ruvi) Rivlin.



Democracia, igualdade e liberdade



"Tzion é toda nossa" - do povo judeu. Portanto, ele argumentou, um Estado judeu baseado em uma sólida maioria judaica deve ser estabelecido como um princípio fundamental, expandido por todo o território da pátria.

Para evitar qualquer esperança árabe de torpedear esse movimento, deve haver um esforço para estabelecer uma "muralha de ferro" de diplomacia e de segurança, sobre a qual o Estado possa se apoiar. Mas, na visão de Jabotinsky, o país a caminho não era apenas judeu, mas também democrático. Ele lançou as bases para essa crença em seu testemunho perante a Comissão Peel em 1936:

Se tivéssemos uma maioria judaica no país, em primeiro lugar, criaríamos um Estado de completa igualdade de direitos, igualdade absoluta e sem exceções. Judeus ou árabes, armênios ou alemães, não há diferença perante a lei, todos os caminhos estão abertos diante dele.

Assim como Jabotinsky se comprometeu com o judaísmo do Estado, no percurso para garantir sua democracia, ele adotou uma abordagem poderosa, corajosa e clara para a estrita adesão ao princípio da igualdade civil entre judeus e árabes. A igualdade perante a lei era importante para Jabotinsky não apenas em nível pessoal, mas também em nível nacional. Isso também testemunhou perante a Comissão Peel, dizendo: *"...não apenas aos cidadãos como indivíduos daríamos os mesmos direitos, mas também aos idiomas e às nações"*.

Jabotinsky argumentou que um vice-primeiro-ministro árabe deveria ser nomeado para cada primeiro-ministro judeu, que o idioma árabe deve ter o mesmo peso que o idioma hebraico na esfera pública do Estado estabelecido; afirmou ainda que a minoria árabe deveria ter autonomia cultural de longo alcance para abranger uma ampla gama de áreas, do status pessoal à educação, inclusive na alocação de terras estatais, imaginem, Jabotinsky dizia que não haveria discriminação entre judeus e árabes.

Jabotinsky atribuiu grande importância à identidade nacional e à reivindicação nacional e as via como uma condição para a capacidade do homem de transmitir conteúdo e significado em sua vida. Mas aqui também Jabotinsky evita ancorar o nacionalismo na lei: *"Não acho que a constituição de nenhum Estado contenha cláusulas especiais que garantam explicitamente seu caráter nacional. Acho que um bom sinal da constituição é se não encontrarmos tais cláusulas nela"*.

Um Estado judeu e democrático, democrático e judeu. Dois lados da mesma moeda eram as duas palavras na visão de Jabotinsky.

Essa visão clara e definida incluía outra palavra bastante diferente para

Jabotinsky da estabelecida no público israelense: estatismo. Estatismo é um termo completamente identificado com David Ben-Gurion, que o considerava uma ideologia através da qual ele poderia reunir um grupo de indivíduos na esfera pública: o desmantelamento de grupos clandestinos, o desmantelamento de Palmach, a visão do "caldeirão de raças" (Kur Ituch), a rejeição da galut (diáspora) e de sua mentalidade, tudo isso fazia parte do conceito completo de estado para Ben Gurion, cujo objetivo era, em sua linguagem forte, fazer do "pó humano, uma nação cultural".

Jabotinsky também acreditava profundamente no estatismo. Assim, ele o descreve na visão do Betar:

Homens são livres e iguais. Não é verdade que o homem é primeiro cidadão; pelo contrário, o homem é, acima de tudo, algo acima de um cidadão - ele é um rei por direito próprio, e não deve ser limitado por um dever externo de obrigação, a menos que seja absolutamente necessário para a sua proteção e de seus vizinhos.

Enquanto o estatismo de Ben Gurion justificava restringir a liberdade do homem em nome da construção da nação, o estatismo de Jabotinsky surgiu da crença que sustenta a liberdade do indivíduo. O homem não nasceu cidadão ou sujeito a uma estrutura política, argumentou Jabotinsky, nem era um "cidadão do mundo". O homem é um rei, um rei por si só. Toda pessoa tem todo o poder para estabelecer um reino, um regime no qual servirá não como sujeito, mas como governador.

O estatismo de Jabotinsky era, em sua própria concepção, a base para a criação do indivíduo e, somente mais tarde, para a construção da nação. A liberdade era sagrada no templo de Jabotinsky. Essa era a essência de quem cresceu em sua escola. Foi assim que aprendemos, como crescemos: o homem está em um nível superior ao do cidadão. E se o estatismo é a preservação do reino de cada homem, para sua liberdade, então não há outra maneira de fazê-lo, de aderir a ele de todo o coração, senão através da igualdade perante a lei.

As posições de Jabotinsky eram frequentemente declaradas cruas e ingênuas. Embora tenham sido escritos por um comunicador e talvez até um grande líder sionista, argumenta-se que ele não tinha a experiência real de liderar um povo e uma nação. Se Jabotinsky estivesse vivo hoje, diríamos, ele teria moderado suas percepções, renunciando à ideologia do pragmatismo. Mas seus alunos sabem que o oposto é verdadeiro. Para ele, o maior perigo para a ideia sionista era a simplicidade ideológica. O que, infelizmente, se enraizou em nossos lugares.

Se queremos viver, devemos lutar pelo direito de retornar à sagrada complexidade de nosso Estado judeu e democrático, democrático e judeu. É a batalha mais importante, mais preciosa e mais jabotinskiana.

Democracia, igualdade e liberdade



Não haverá aqui Estado Judeu se não for democrático. Nosso direito moral a toda a Terra de Israel depende de uma estrita adesão a essa fórmula delicada e maravilhosa, que é a esperança do povo judeu. Não há uma fórmula que alguém tenha escrito ou esboçado cheia de conteúdo real como a de Ze'ev Jabotinsky.

Do "Chad-Nes" às quatro bandeiras da força

Primeiro-Ministro
Benjamin Netanyahu



Entre as duas guerras mundiais, nos anos de luta persistente pela criação de nosso lar nacional, Jabotinsky estabeleceu o termo "Chad-Nes". Ele alegou que a necessidade urgente de estabelecer um Estado judeu deveria aderir apenas ao ideal sionista. Isso não deve ser enfraquecido pelo apego a qualquer outro ideal: de classe, social ou econômico.

Jabotinsky sabia da importância das questões sociais e econômicas. Ele se referia a elas repetidamente em seus escritos e em seus discursos, mas sua abordagem humanista propunha o hasteamento de uma única bandeira: focar as energias sionistas no estabelecimento do Estado. O poder dos interesses privados ou das classes sociais só é bom se ele servir ao processo de criação da maioria judaica em Eretz Israel. Esses interesses devem estar a serviço do primeiro princípio, da ideia sionista. Em seu poema HaNeder (o juramento), Jabotinsky escreve: *"Chad-Nes: branco e azul, e nenhum outro, não adicionarão a mistura do vermelho ao esplendor da ideia; o único elo entre o trabalhador e o proprietário é que ambos estão reconstruindo Tzion."*

Oitenta anos após a ideia de "Chad-Nes" ter sido estabelecida, a realidade mudou: o Estado de Israel foi estabelecido, estabilizou-se e alcançou grandes realizações. Com a comemoração de setenta anos de nossa independência, orgulhosamente agitamos quatro bandeiras ao mesmo tempo - a bandeira do poder militar, a bandeira do poder econômico, a bandeira do poder político e a bandeira do poder espiritual e da força moral. Assim, cria-se uma mesa firme, que repousa sobre seus quatro fortes pés. Todos necessários para garantir nossa existência e nosso futuro para as gerações futuras.

Poder militar - Israel como uma "Muralha de Ferro"

Jabotinsky testemunhou a fraqueza abismal do nosso povo na diáspora. Os horríveis pogroms que ocorreram no início do século XX na Europa Oriental o levaram a desempenhar um papel importante na organização de autodefesa dos judeus de Odessa, sua cidade natal. Durante a segunda década do século XX, após o banho de sangue da Primeira Guerra Mundial, Jabotinsky se dedicou ao estabelecimento dos batalhões judaicos no exército britânico. Os soldados do batalhão demonstraram sua postura ereta, suas armas, bandeiras e emblemas de que a salvação da nação estava ao alcance das mãos.

Segundo Jabotinsky, fomos forçados a aprender o "A, B, C" do uso de armas:

Durante anos e gerações, as nações do mundo estavam acostumadas a ouvir que aqui eles espancavam os judeus que ali eles defendiam os judeus, ou espancavam ou defendiam, e é difícil dizer o que é mais humilhante, o

Del “Jad-Nes” a las cuatro banderas de fuerza



espancamento ou a defesa. É hora de mostrar ao mundo um rifle judeu com uma baioneta judaica." (JABOTINSKY, 1919)

Nossa participação no esforço de guerra tinha a intenção de nos conceder o direito de exigir o estabelecimento de um Estado Judeu soberano na Terra de Israel, com o apoio da Grã-Bretanha.

Após a guerra, conforme a Grã-Bretanha se retirava gradualmente de seu compromisso de estabelecer um Lar Nacional, tal como expresso na Declaração Balfour, Jabotinsky não hesitou em organizar a Haganá em Jerusalém como uma força contrária à agitação árabe. Tampouco negligenciou a ideia do exército judeu, que adquiriu uma dimensão relevante durante a Segunda Guerra Mundial. Meu pai, o professor Benzion Netanyahu, viajou para Londres na véspera da guerra para convencer Jabotinsky a mudar o foco de suas atividades políticas para os Estados Unidos. Juntos, até a morte abrupta de Jabotinsky em 1940, eles se dedicaram a persuadir a opinião pública americana de estabelecer uma força judaica de combate e, assim, realizar aspirações pela soberania judaica.

Eles acreditavam, como eu acredito, que sem reabilitar nossa capacidade de nos defender por conta própria com um exército forte, não haveria renascimento para o nosso povo. A tocha missionária e o heroísmo nas mãos dos soldados dos batalhões judeus passaram para os combatentes das organizações clandestinas judias e da Legião Judaica, e deles para os soldados e comandantes do Tzahal (As Forças de Defesa de Israel) e para todos aqueles que servem em forças de segurança.

Com a hostilidade árabe em relação à empresa sionista, Jabotinsky desenvolveu o conceito da "Muralha de Ferro". A muralha de ferro é a capacidade de repelir ataques de nossos inimigos. A muralha de ferro é o fator pelo qual, mais cedo ou mais tarde, eles terão que aceitar nossa existência. A muralha de ferro marca o caminho para a paz: paz verdadeira, paz segura, à qual está associado o reconhecimento do Estado-Nação do povo judeu, tal como quando assinamos um acordo de paz com o Egito há quarenta anos e quinze anos depois disso com a Jordânia. A Muralha de Ferro é o Estado de Israel, que serve como um muro protetor do mundo livre contra o Islã radical no coração do Oriente Médio.

Nosso poder de segurança depende do homem, das armas e, hoje mais do que nunca, da tecnologia. Investimos um grande investimento na construção da força: cercas para bloquear infiltrados, em tecnologia, cibernética, em milhares de mísseis interceptadores para defesa e ataque, em tanques, aviões, navios e submarinos. Contudo, a base de nossa força militar, a primeira condição para nossa existência, é a fé na justiça de nosso caminho e nossa determinação em nos defender.

Del “Jad-Nes” a las cuatro banderas de fuerza

Poder Econômico - Uma economia crescente e igualdade de oportunidades

Atender às necessidades de segurança, como todas as outras necessidades nacionais, requer uma economia forte e um investimento financeiro considerável. Portanto, o segundo poder necessário para garantir nosso futuro é o poder econômico, o qual só pode ser alcançado através de uma economia livre.

Jabotinsky entendeu bem isso e defendeu o investimento de capital privado e a santidade da propriedade privada. Ele descartou o sistema socialista que aumenta o valor da igualdade, mas, na prática, gera estagnação econômica e recessão.

Em seu artigo de 1934, "Ideia do Betar" (רעיון בית"ר), Jabotinsky escreveu:

Em nome da ordem socialista, entendemos um sistema que resolverá todas as relações sociais de uma vez por todas, eliminando a diferença entre ricos e pobres, e então o mundo não precisará mais de outras reparações sociais. Pode ser bom e bonito, mas nesse sistema há uma desvantagem: o indivíduo deixar de se esforçar, de lutar, de buscar o melhor, porque não haverá nenhum benefício: a condição de qualquer indivíduo é fixa e pré-estabelecida, ele não poderá mudar nada, não deve sonhar com isso, não há nada pelo qual valha a pena fazer um esforço intelectual, não há necessidade de descobrir novas práticas, nem invenções técnicas.

Isso sugere que, de fato, a livre concorrência está impulsionando as rodas da economia. Na opinião de Jabotinsky, na competição econômica encontra-se uma bênção para o bem-estar da sociedade como um todo:

Acredito não apenas na estabilidade do sistema burguês, mas também, de maneira objetiva, que contém dentro de si as sementes de um certo ideal social, um ideal em seu sentido habitual, ou seja, uma visão pela qual vale a pena sonhar e lutar. (Ideal do Jubileu, 1927)

No início de Israel, a economia era dominada de cima, era centralizada e burocrática. Nas últimas duas décadas, adotamos uma política fundamentalmente diferente: incentivar a liberalização econômica, promover a concorrência, fomentar o empreendedorismo, reduzir impostos, iniciar reformas de mercado e cortes drásticos na burocracia. Essa política consistente de sustentar uma economia em crescimento está produzindo frutos muito significativos: aumentamos drasticamente o PIB per capita, reduzimos o desemprego a um mínimo desconhecido por décadas, reduzimos a desigualdade e aumentamos o salário mínimo e o salário médio na economia a um máximo histórico.

Transformamos Israel de uma economia em desenvolvimento para uma economia desenvolvida. Com a política de economia livre, estamos transformando Israel em uma potência global crescente em tecnologia, com

milhares de novas empresas líderes nos campos mais avançados: em TI, agricultura e água, sistemas de veículos autônomos, saúde digital e inúmeras outras áreas.

O eixo central de nossa política econômica é uma combinação de investimento do governo em infraestrutura com o empreendedorismo privado e o capital livre. Um exemplo notável é a revolução que estamos realizando na abolição da periferia. A infraestrutura - por meio da modernização - estradas, rodovias, cruzamentos, pontes e túneis, redução do tempo de viagem do Negev e da Galiléia até o centro do país. Ao mesmo tempo, novas oportunidades de moradia, emprego, educação e opções de lazer estão se abrindo no sul e no norte do país. As lacunas estão se estreitando e a igualdade de oportunidades está aumentando. As principais empresas internacionais ocuparam esses lugares nessas áreas. Beer-Sheva, no sul, está se tornando um polo de alta tecnologia e cibernética, e também pretendemos que o norte do país se torne a âncora de novas tecnologias e indústrias.

Força política - Um florescimento sem precedentes das Relações Exteriores

A combinação do poder militar e do econômico permite o cultivo do terceiro poder: o político. Este abre o caminho para promover alianças baseadas na importância da economia, da segurança e da inteligência e da política diplomática de Israel para os países do mundo. Baseia-se na possibilidade de mostrar nossa legitimidade entre as nações e de repelir pressões que colocam em risco o futuro do renascimento nacional.

Herzl, o fundador do sionismo político, defendia a cooperação diplomática com ambos os Estados pequenos e os grandes. Seus incansáveis esforços para formar alianças com os poderes durante seu tempo ajudaram a colocar a questão dos judeus na agenda da comunidade internacional. Jabotinsky fez o mesmo e se manteve firme nos interesses políticos do movimento sionista.

Essa abordagem representou um ponto de virada significativo em comparação com o método de lobby que prevalecia na diáspora por gerações. Em vez de bater às portas dos governantes dos Estados, com pedidos e, frequentemente, acompanhados de pagamentos atraentes, Jabotinsky exigiu um apelo direto e ousado à opinião pública. Ao mesmo tempo, e mais uma vez em contraste com a mentalidade do gueto que dava esperança a qualquer judeu, ele idealizou a "*Teoria da Pressão*":

Não há amizade aos olhos dos países, há pressão. O que está em jogo não é a atitude boa ou ruim do governador, é a quantidade de pressão dos próprios sujeitos [...] A emenda mais fácil aos olhos do Estado não é comprada, exceto por pressão e guerra, e aqueles que carecerem do valor, da coragem, do talento

Del “Jad-Nes” a las cuatro banderas de fuerza

ou do desejo de lutar, não conseguirão obter, em nosso favor, a emenda mais fácil e, portanto, o mesmo acontecerá com um governo conectado aos nossos amigos mais leais (“As eleições na Inglaterra”, 1929).

De acordo com a teoria da pressão, não deixamos de expressar nossas posições políticas em voz alta e clara. Nós alertamos sobre todos os cenários dos perigos para a humanidade inerentes ao programa nuclear do Irã. Reiteramos repetidamente as lições da História sobre um governo que constantemente luta pela expansão territorial, que mina a estabilidade na região e que ameaça destruir outros países. Fomos contra o acordo nuclear assinado com o Irã, o qual lhe permitiu continuar seus esforços. Meu discurso no Congresso dos Estados Unidos, em março de 2015, sobre o acordo entre o Irã e as potências, é o resultado da teoria de Jabotinsky de mobilizar a vontade nacional para garantir nossa existência.

À teoria da pressão deve ser agregada a teoria do lucro. Enquanto a cooperação com Israel servir aos interesses dos Estados que nos vem como um um benefício importante, mais fortes serão esses relacionamentos e alianças.

Nossa longa experiência na luta contra o terrorismo e nossa determinação em dominá-lo nos aproximam de muitos países que temem a radicalização do Islã. Eles nos vêem como um braço forte e usam nossos recursos de segurança e inteligência para se protegerem. O fato de sermos uma potência de conhecimento tecnológico e de inovação, que desenvolve interações frutíferas com as economias mundiais, contribui significativamente para o renascimento político que estamos vivendo.

Nossa rede de alianças com os diferentes países foi construída, entre outras coisas, pelas diferentes visitas de chefes de Estado, ministros das Relações Exteriores e parlamentares a Israel, bem como por minhas visitas e de ministros do governo nos cinco continentes. Nossa aliança mais próxima é com nosso grande amigo Estados Unidos. Temos relações amistosas com a Rússia e com os países da Europa Oriental, e as relações estão se estreitando com os países asiáticos - principalmente a Índia, a China e o Japão -, com a África e a América Latina.

Assinamos acordos de cooperação em uma ampla gama de campos: tecnologia e cibernética, medicina, agricultura, água, energia, comunicação, transporte, turismo e muito mais.

Graças à firmeza diante de ameaças comuns e à crescente valorização das capacidades de Israel, nosso relacionamento com países árabes moderados no mundo árabe e muçulmano está mais próximo do que nunca. As interconexões estão em expansão, e não apenas secretamente. No momento em que escrevo este artigo, ainda estou empolgado com a visita

oficial que minha esposa e eu fizemos a Omã e com as calorosas boas-vindas que recebemos. Estou convencido de que esse relacionamento continuará se expandindo. As sementes da paz que estão germinando agora farão crescer a amizade e a boa vontade no Oriente Médio.

Há uma inversão da visão convencional de que a única maneira de Israel alcançar o florescimento diplomático e político entre as nações é chegar a um acordo com os palestinos. De fato, o Acordo de Oslo desencadeou um desenvolvimento, até mesmo com alguns países árabes, mas terminou sendo frágil e quebrou relações a partir da eclosão da intifada e da revolta violenta dos palestinos.

O conceito que promovo sustenta que o problema palestino é independente. Israel pode expandir eficientemente suas relações no mundo ao propiciar seus benefícios para as nações. O fato de muitos países, incluindo países árabes e muçulmanos, se comunicarem com Israel quando não há negociação política com os palestinos é prova não apenas de raciocínio nesse ponto de vista, mas também de que esses laços são muito mais fortes do que aqueles que dependem do acordo ou do capricho palestino. Não suspendemos o desenvolvimento do país até que houvesse paz com o mundo árabe. Da mesma forma, não há razão para suspender o desenvolvimento de nossas relações com o mundo árabe até que haja paz com os palestinos. Paz mediante a força e diplomacia mediante a força: essa é a lógica que guia nossas políticas.

Poder espiritual e moral - Amor à nação em um país democrático e judeu

Somente através do quarto poder, nosso poder espiritual, damos vida aos nossos poderes militar, econômico e político. O Estado de Israel é um Estado judeu e democrático, o Estado-Nação do povo judeu, que preserva os direitos individuais de seus cidadãos. Promovemos o sionismo e a excelência, o patrimônio e a ciência, uma economia livre e oportunidades iguais para todos. A adesão a esses valores garantirá nossa coesão e nosso futuro.

Essas coisas estavam absolutamente claras para Jabotinsky. "*Safra ve'Saifa*" se fundiu em uma figura rica em nuances. Em sua mão, ele não apenas segurava uma espada, mas também um lápis que lhe serviu como criador talentoso e produtivo.

Jabotinsky era um talentoso escritor, poeta, tradutor e jornalista. Seu maravilhoso hebraico é refletido em cada linha de suas cartas, ensaios e traduções em obras-primas como "*O Corvo*" e "*Annabel-Lee*" de Edgar Allan Poe. Ele exaltou a importância do hebraico em todos os elementos do avivamento nacional e procurou criar raízes na vida do assentamento no país. Estas são as suas palavras: "*Hebraico: Minha língua viva em alegria, em dor e em coragem; a linguagem do trabalho, do pensamento, da música; a*

Del “Jad-Nes” a las cuatro banderas de fuerza

linguagem dos meus filhos. Uma corrente de ouro eterna que une as canções de Tel Chai e as do trovão: a maravilha do Sinai”.

O amor por Eretz Israel, o fundamento do sionismo, esteve imerso em Jabotinsky por toda sua vida. Ele escreveu que antes de nossa chegada ao país não éramos um povo e nem sequer existíamos. Somente na pátria, começando nos dias do Tanach, fomos cidadãos orgulhosos: *"onde nascemos como nação e onde vivemos"* (Sionismo e Eretz Israel, 1905).

Nosso direito à terra, disse Jabotinsky, é inquestionável. Ele nunca sentiu a necessidade de se desculpar pelo sentimento nacional que batia dentro dele. Nosso poder espiritual e moral, o legado das gerações, é a raiz do crescimento da árvore da vida de nosso povo que eleva seus ramos. Estamos orgulhosos de nossa herança, de nosso país e de nossos símbolos nacionais. Ao mesmo tempo, estamos comprometidos em garantir o caráter judeu e democrático de Israel. A garantia mútua vincula os componentes da sociedade israelense.

A lei *"Israel Estado-Nação"*, que a Knesset recebeu, é um marco fundamental na história do sionismo. Esse é outro elo da cadeia que começou no Primeiro Congresso Sionista, na Basileia, na Declaração Balfour, na resolução da Organização das Nações Unidas de 29 de novembro de 1947 e na Declaração de Independência. A lei estabelece que nosso país, a antiga e nova pátria, é o único Estado-Nação do povo judeu. Nosso direito à autodeterminação é realizado aqui, e somente aqui, em nosso Estado ancestral. A lei nacional de forma alguma prejudica o caráter democrático de nosso Estado. Israel foi e sempre será uma democracia. Em uma região amplamente dominada por regimes tirânicos, em uma área ameaçadora e sangrenta, Israel se orgulha de ser um farol de liberdade e direitos humanos, tanto para judeus quanto para não-judeus.

Meu pai, em seu livro *"Os Cinco Pais do Sionismo"*, descreve Ze'ev Jabotinsky como um homem do século XIX, mas também como alguém que foi capaz de nos apresentar o século XX, cheio de eventos. Jabotinsky nos deu a bússola e as regras de navegação para guiar nossos navios nas tempestades do tempo. A isso, acrescento que, diante da grave instabilidade que está afetando nossa região, onde o fundamentalismo islâmico expande sua onda de choque para os confins do mundo, as ideias de Jabotinsky nos ensinam os poderes essenciais, mesmo no século XXI. Seu ensino sionista, o mais extenso dentre muitos, ajuda a navegar para uma costa segura. Os quatro poderes que se combinam entre si são a tocha do mundo na abençoada memória do Rosh Betar.

**Cordialmente,
Binyamin Netanyahu**



בנימין נתניהו

מחלקת
חינוך
והדרכה



Postado em julho 2020.
Tradução para o português: Juliana Katz
Revisão: Yoav Sanz Strul